

NO PRINCÍPIO ERA A MÃE. A MATERNIDADE NA LITERATURA INGLESA

Cristina M.T.Stevens
Universidade de Brasília

Foi como Mãe que a mulher tornou-se ameaçadora; é na maternidade que ela deve ser transfigurada, domesticada.
Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo*.

A partir da análise de algumas formulações filosóficas, psicanalíticas, histórico-culturais, e seus reflexos na ficção inglesa, o presente estudo - ainda em sua fase inicial, pretende dar uma pequena contribuição para o desenvolvimento do que Patrícia Yaeger chamou de “the poetics of birth”, a qual objetiva desteologizar os mitos da reprodução e buscar novas narrativas sobre a criação que resgatem da invisibilidade o verdadeiro papel da mulher neste processo.

Como sabemos, o modelo desenvolvido por Aristóteles sobre a função sexual da mulher tornou-se amplamente aceito na antiguidade. Para ele,... a fêmea é, digamos assim, um macho mutilado, e a catamenia é sêmen, apenas não puro; pois há apenas uma única coisa que elas não têm dentro delas, o princípio da alma.... A fêmea sempre fornece o material, o macho, aquilo que o molda, pois este é o poder que dizemos cada um possui, e é por esta razão que os chamamos de macho e fêmea.....Enquanto a matéria vem da fêmea, a alma vem do homem.... Um age, o outro sofre a ação.¹

Platão foi um dos poucos filósofos que advogava o direito das mulheres à educação e desempenho de funções públicas, para o que propunha uma organização social não fundada na família e na mãe para a formação das crianças. Como bem ilustra o *Gênesis*, o mito judaico-cristão que constitui a base de nossa civilização atual, são consistentes os mitos das nossas origens que dão ao homem o papel fundamental na criação. São Paulo, St. Agostinho, e, posteriormente, St. Tomás de Aquino, os grandes consolidadores dos dogmas judaico-cristãos, reforçam essa supremacia no ato de geração da vida.

¹ AGONITO, Rosemary. *History of ideas on woman*. New York: Paragon, 1977. p. 46.

No século XVII, os filósofos ingleses Thomas Hobbes e John Locke formularam a revolucionária doutrina dos direitos do homem - aplicáveis para homens e mulheres; além disto, e baseado na verdade indiscutível da maternidade biológica, Hobbes afirmava que apenas através de um acordo arbitrário entre o homem e a mulher - historicamente institucionalizado através do matrimônio, poderia a mulher transferir sua autoridade sobre o filho para o homem - apenas teoricamente identificado como pai.

Apesar de não se conhecer quando a espécie humana descobriu o papel do homem na procriação, foi essa consciência que fez surgir no homem a necessidade de controlar a fecundidade da mulher e sobretudo a legitimidade do 'produto final' que seria o herdeiro da terra, agora também já tornada propriedade do homem. A ansiedade provocada pela incerteza da paternidade deu origem à inúmeras estratégias formuladas para minimizá-la. Para Rousseau, "o homem deveria ser capaz de controlar a conduta de sua esposa, porque é importante para ele assegurar-se que suas crianças, as quais ele é obrigado a reconhecer e manter, *pertencam* a ninguém mais senão a ele"². O filósofo e historiador escocês David Hume também reconhecia este aspecto problemático da identificação da paternidade; entendendo que o contrato de casamento não bastaria para garantir a paternidade real, Hume explica que se tornava então necessário - segundo ele, não com base na justiça, mas na utilidade dessa necessidade, desenvolver na mulher não apenas o desejo de ter filhos mas ao mesmo tempo tornar o sexo algo repulsivo para elas. Conforme podemos verificar no livro da Rosemary Agonito *History of Ideas on Woman*, além dos pensadores brevemente mencionados acima, muitos outros se dedicaram a essa 'Cruzada' para a construção da imagem da esposa/mãe virtuosa, num articulado reforço do culto mariano introduzido pelo cristianismo; dentre esses, ela salienta as idéias de Hegel, Kant,

² id, ibid. p. 119. (itálico meu)

Kierkegaard, Schopenhauer, Emerson, entre outros. Até mesmo a teoria científica de Darwin, que provocou uma salutar minimização da tradição bíblica, utiliza argumentação científica para dar suporte à noção de inferioridade da fêmea como consequência de sua capacidade reprodutora. Infelizmente não podemos expandir no espaço deste trabalho os inúmeros e complexos os mecanismos de construção e evolução dessa ideologia que resultou em controle naturalmente aceito pelo próprio oprimido, quando a mulher assimila seu status secundário.

Apenas para ilustrar esse processo de silenciamento da problemática da maternidade, lembráramos brevemente como ela ocorre na concepção do comunismo, um dos pilares estruturadores da sociedade moderna; Marx exclui o trabalho reprodutivo da mulher de sua análise sobre produtividade; o marxismo deixa de lado questões ligadas ao sexo e à família pois são assuntos que os teóricos consideram privados e portanto não se encaixam em sua teoria da reprodução; as marxistas feministas tentaram combinar a reprodução biológica com o conceito de reprodução de Marx - já que a mulher "reproduz" os "meios de produção"; entretanto, não conseguiram escapar da universal mística ilusória da maternidade que mantinha as mulheres no lar.

Em seu livro *A mulher no terceiro milênio*, Rose Marie Muraro tenta imaginar, a partir de inferências sobre uma "história que ninguém contou", a centralidade do elemento feminino nos primórdios da evolução humana, quando o *homo sapiens/femina sapiens* preocupavam-se apenas com sobrevivência e reprodução. Descobertas arqueológicas evidenciam que, desde a Idade do Bronze até o período clássico, o culto dominante era o da Mãe Terra. Muraro resume a descrição feita por Joseph Campbell sobre os mitos primitivos ocidentais, os quais, segundo ele, se desenvolveram em quatro etapas distintas: na primeira, o mundo teria sido criado por uma deusa sem auxílio masculino, de onde herdamos Rhea, Deméter, Perséfone, entre inúmeras outras; na segunda, esta deusa aparece associada a um consorte - Isis já não reina sozinha mas ao lado de

Osiris. O deus macho já aparece sobre o corpo da deusa na terceira fase, enquanto que na quarta e última - que Campbell localiza em torno de dois mil anos antes de Cristo, o deus masculino cria o mundo sozinho, como Zeus já havia criado Atena pronta a partir do seu cérebro. Assim, o medo da força genesíaca da mulher transformou, através da palavra, a força sagrada da maternidade em vulnerabilidade, e, pior ainda, em inferioridade. Em *Genesis*, esta relação é estabelecida com firmeza pela palavra do Deus patriarcal, símbolo do poder supremo: "Em grande medida multiplicarei teu sofrimento e tua concepção; em dor darás a luz às tuas crianças; e teu desejo te levará ao teu marido, e ele te dominará" ³.

Neste contexto, podemos citar o impacto da teoria desenvolvida por Freud, o qual, na tentativa de entender o que ele chamava de "enigma da natureza feminina", parte do princípio que ele absorveu e desenvolveu com mestria: "anatomia é destino". Para ele, passividade, masoquismo, frigidez, vaidade, são atributos da constituição feminina, resultado da consciência de nossa castração e conseqüente inveja do pênis; esta inveja será substituída pelo desejo de ter um bebê - preferencialmente masculino, para quem a mãe transfere a ambição que ela foi obrigada a suprimir. A maternidade, esse complexo e insubstituível motor da vida, teria então sua origem em um sentimento menor, o da inveja.

A psicanalista Karen Horney não teve sua formação influenciada pelo determinismo/biologismo do século XIX como Freud; ela incorporou valores morais, estéticos e espirituais na sua metodologia de investigação e prática em psicanálise. Na sua visão holística da psique, Horney incorpora a contribuição de antropólogos como Margaret Mead e Bachofen, que analisam a função primordial da mulher em sociedades matriarcais primitivas. Trabalhando com a problemática (para ela ainda não satisfatoriamente compreendida) da dependência primordial da criança em relação à mãe, Horney - ela própria mãe de três filhos - reflete sobre uma possível

³ STANTON, Elizabeth Cady. *The Woman's Bible*. Boston: Northeastern University Press, 1993. (1ª ed: 1895). p. 23.

consequência da inquestionável e injustamente ignorada superioridade fisiológica da mulher; Horney imagina que talvez esses mecanismos tenham sido defensivamente desenvolvidos como uma forma de tentar assimilar, compensar, ou mesmo negar, essa dependência:

Não seria a tremenda força no homem do impulso para o trabalho criativo em vários campos, precisamente provocada pelo seu sentimento de ter um papel relativamente pequeno na criação da vida, o que constantemente o impele para uma compensação em outras realizações?⁴

Segundo ela, Freud ignorou a importância da maternidade para a psicologia feminina, bem como o significado da inveja, por parte do homem, da gravidez, parto, amamentação e maternação:

E o que podemos dizer sobre a maternidade? Sobre a consciência abençoada de trazer dentro de si uma nova vida? A alegria indescritível da crescente expectativa do aparecimento deste novo ser? ... A inveja do pênis tenta negar e desviar a atenção sobre isto, possivelmente por causa de medo e inveja masculinos. ⁵

No seu livro *A Superioridade Natural da Mulher*, o médico e antropólogo americano Ashley Montagu desenvolve essa hipótese de inveja da capacidade da mulher de criar a vida e sua superioridade biológica como causa de sua sujeição pelo homem; ele aponta inúmeras e irrefutáveis evidências científicas para consolidar sua teoria mas não a limita ao campo da biologia, analisando também aspectos sócio-psicológicos consequentes desse injusto e milenar processo de inferiorização da mulher:

A superioridade natural das mulheres é um fato biológico. Estes fatos estiveram à nossa disposição durante meio século - mas, num mundo dominado pelos homens, onde a inflação do ego masculino dependeu da conservação do mito da superioridade do homem - seu significado não recebeu a atenção merecida. ... Espero que neste livro os fatos tenham sido mostrados com suficiente clareza, para que o leitor possa refletir sobre a possibilidade de serem as mulheres, por natureza, muito mais

⁴ HORNEY, Karen. *Feminine psychology*. New York/London: W.W.Norton & Company, 1993. p. 61.

⁵ Id. *ibid.*, p. 19.

dotadas do que até agora geralmente se acreditou.⁶

Entretanto, o trabalho de Montagu ainda reforça a sacralização da maternidade para perpetuar a subordinação da mulher nesta especial missão, em perfeita sintonia com o tradicional conceito que ele ilustra com a conhecida, e para ele, verdadeira, máxima: a mão que embala o berço domina o mundo.

No seu estudo fenomenológico sobre a constituição feminina do inconsciente, o jungiano Erich Newmann apresenta "a grande mãe" - título de seu livro - em suas riquíssimas e variadas manifestações nas inúmeras culturas e períodos estudados. Fonte primordial da criação, o arquétipo da "*magna mater*" contém o aspecto gerador, protetor e positivo, juntamente com o devorador e negativo do nosso inconsciente. As cavernas, templos, abismos e túmulos habitam este fascinante estudo, também povoado pelas fontes, jardins, e lugares paradisíacos pois "o Grande Feminino não só gera e orienta a vida, como também recebe de volta em seu útero de origem e de morte tudo aquilo que dele nasceu"⁷.

Deusas, fadas e mãe altruístas convivem com as feiticeiras, espíritos femininos sinistros e madrastas malvadas, numa admirável galeria da História da Arte Antiga - organizada pelo vitorioso princípio espiritual que caracteriza o patriarcado. Embora inteligentemente convincente, a teoria do Newmann nos mantém poderosas apenas no domínio do pré-simbólico, anterior à complexa condição psíquica do ego e da consciência especulativa:

Somente depois de termos apreendido toda a extensão das funções básicas do Feminino - a quem cabe "nutrir", dar calor, proteger, e amparar, sem mencionar as funções do dar vida e do parir - pode-se compreender por que é tão central o significado e o símbolo do Feminino, e por que o caráter de "grandeza" está, desde o início, ligado a ele. O Feminino parece ter essa "grandeza"

⁶ MONTAGU, Ashley. *A superioridade natural da mulher*. Trad. Lygia J. Caiuby. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. p. 178.

⁷ NEWMANN, Erich. *A grande mãe. Um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. Trad. Fernando P. Mattos e Maria Silvia M. Netto. São Paulo: Editora Cultrix, 1974. p. 39.

porque aquilo que é contido, protegido e nutrido, que recebe calor e amparo, é sempre o pequenino, o desamparado e o dependente, completamente à mercê do Grande Feminino.⁸

Assim como o trabalho do Montagu, essa exaltação poderia ser considerada no mínimo ambígua pois na verdade traz em si a calcificação de conceitos relativos à maternidade que precisam ser desconstruídos, como o faz a poeta estadunidense Nancy Chodorow.

Chodorow argumenta que a universalidade da maternação tem sido raramente analisada, precisamente por causa desse caráter de universalidade com o qual esse processo foi investido e que ela problematiza em seu seminal livro *The Reproduction of Mothering*; sua tese principal é a de que a reprodução da maternação no mundo contemporâneo - questão central para a divisão sexual do trabalho e conseqüente dominação masculina - se dá através de processos psicológicos induzidos social e estruturalmente que se reproduzem de forma cíclica. Após apresentar brevemente as bases biológicas/naturais da gestação, parto e lactação, Chodorow explicita os fundamentos sócio-antropológicos que expandem/perpetuam essas bases, onde se observa uma estrutura assimétrica de papéis do homem e mulher na família; como a identificação se dá através de um processo consciente de aprendizagem, Chodorow demonstra, dentro de uma perspectiva psicanalítica, como a capacidade e habilidade da mulher para a maternação - sua função inicial de "ego externo" da criança, de provedora total do universo externo - são bastante expandidas e fortemente internalizadas, e assim construídas no desenvolvimento da estrutura psíquica da mulher. Ela propõe uma nova psicodinâmica, multiparental, para a família, na qual

As crianças poderiam ser dependentes, desde o início, de pessoas de ambos os gêneros; assim, estabeleceriam uma noção individual do ego em relação a ambos. Dessa forma, a masculinidade não ficaria amarrada à negação de dependência e desvalorização da mulher. A personalidade feminina estaria menos preocupada com processos de individuação e crianças não desenvolveriam medos da onipotência materna nem expectativas quanto às qualidades inigualáveis de sacrifício e

⁸ id.ibid, p.49

abnegação das mulheres. Isto reduziria a necessidade do homem de defender sua masculinidade e controlar as esferas social e cultural que tratam e definem as mulheres como secundárias e impotentes, bem como ajudaria a mulher a desenvolver a autonomia que tem sido sacrificada por essa excessiva imersão em emoções e atividades relacionais.⁹

Assim como Chodorow, o livro *Of Woman Born* de Adrienne Rich, também publicado nos anos setenta, constituiu um marco nos estudos sobre esta problemática. Ela escreve:

As mulheres têm sido mães e filhas, mas têm escrito muito pouco sobre esse assunto; a grande maioria das imagens literárias e visuais da maternidade vem até nós filtrada através da consciência masculina, individual ou coletiva. Assim que uma mulher sabe que uma criança está crescendo dentro do seu corpo, ela encontra-se sob o poder de teorias, ideais, arquétipos, descrições sobre sua nova existência; quase nenhuma das quais desenvolvidas por outras mulheres (embora outras mulheres possam transmiti-las); todas essas idéias flutuam invisivelmente ao redor dela desde que ela se percebeu mulher pela primeira vez, e como tal, uma mãe em potencial. Precisamos saber o que, em meio ao caótico processo de criação de imagens e produção de teorias, vale a pena ser salvo, pelo menos para entendermos melhor uma idéia tão crucial para a história, a condição que tem sido violentamente arrancada das próprias mães para dar suporte ao poder dos pais.¹⁰

Iniciando com uma afirmação óbvia - mas que durante milênios foi manipulada pela civilização patriarcal - de que toda vida humana no planeta é nascida da mulher, Rich desenvolve sua visão do papel da mãe em nossa sociedade, dialogando com as construções que a mitologia, antropologia, medicina, psicanálise e literatura nos transmitiram. Ela apresenta suas experiências pessoais de mulher e mãe em interface com sólida pesquisa acadêmica, o que resulta em livro acadêmico apaixonado e político. Denunciando a quase inexistência de fontes *femininas* (female) para sua pesquisa, Rich busca desconstruir hipóteses não adequadamente examinadas que encontra no conhecimento institucionalizado sobre a maternidade, tais como o conceito do

⁹ CHODOROW, Nancy. *The reproduction of mothering. Psychoanalysis and the sociology of gender*. Berkeley: University of California Press, 1978. p.218.

¹⁰ RICH, Adrienne. *Of woman born. Motherhood as experience and institution*. London: Virago, 1977.p.62.

"chamado sagrado", o imperativo da reprodução, ao qual toda mulher, uma futura "*mater dolorosa*" jamais poderá fugir. À imagem da mãe castradora, controladora, sofredora, culpada, aterrorizante, nutridora frígida e continente escuro, ameaçador, construída na cultura patriarcal, ela contrapõe uma transformação dinâmica a partir da própria mulher - *Of Woman Born*.

Outro trabalho que também tenta desconstruir os arquétipos da maternação e seu papel sacrificial é desenvolvido pela psicanalista inglesa Estela Welldon. Em seu livro *Mother, Madonna, Whore*, ela organiza dados de sua experiência clínica para demonstrar não só que a noção de inveja do pênis e os conseqüentes desejos compensatórios de gravidez foram superestimados; ela também demonstra como a já calcificada idealização da maternidade distorce seriamente problemas complexos como os de violência física, abuso sexual e incesto perpetrados nas crianças pela mãe, ela própria vítima de um castrador processo de constituição de sua identidade de gênero:

A maternidade como perversão ocorre como quebra de estruturas mentais interiores; a mulher sente-se não apenas mutilada emocionalmente ao lidar com as enormes exigências do bebê, mas também impotente e incapaz de obter gratificação em outras fontes. ... As mulheres cometem incesto mais freqüentemente do que pensamos, e mais por sua própria iniciativa do que imaginamos? Estaríamos bloqueados de perceber isto por cause de nossa idealização da maternidade? Certamente que sim, e por isto mesmo na situação edipiana original não percebemos a responsabilidade de Jocasta, autora do mais importante caso de incesto que conhecemos. Sempre culpamos Édipo e nunca sua mãe.¹¹

No seu artigo "The Poetics of Birth"¹² Yaeger nos faz refletir sobre as complexas e profundas implicações de estarem as mulheres presas numa função natural - a da reprodução. Ela

¹¹ WELLDON, Estela V. *Mother, madonna, whore. The idealization and denigration of motherhood*. London: Free Association Books, 1988. p.83-85.

¹² STANTON, Donna C. (ed.). *Discourses of sexuality from Aristotle to aids*. Michigan: The University of Michigan Press, 1995.

ainda nos alerta para o fato de outras funções naturais tais como a alimentação, a sexualidade e a morte - comuns a homens e mulheres, terem sido exaustivamente analisadas por filósofos e cientistas. Entretanto, a criação da vida tem sido relativamente negligenciada em termos de formulações teóricas e elaborações epistemológicas. Kristeva, Irigaray, Cixous, entre outras, analisaram as implicações da marginalização da maternidade na formação do pensamento ocidental, contrapondo a centralidade da fase oral à supremacia do complexo de Édipo. Entretanto, vimos como inúmeros e persistentes mitos culturais reformularam discursivamente o processo de gestação, parto e maternação e, na melhor das hipóteses, criaram uma ideologia de simetria entre o que se configurou como o trabalho produtivo do homem e o reprodutivo da mulher; essa falsa simetria reduz o complexo ato da criação de um ser vivo a um simples ato sexual, minimizando a alienação do esperma durante o coito e importância do papel transformador de mulher na gestação.

Direcionando essas preocupações para o terreno da literatura, percebemos que os textos literários de uma certa forma reforçam esse silêncio sobre gestação, parto e maternação. Uma rápida olhada pela literatura inglesa e estadunidense - objeto de nosso trabalho - evidencia essa ausência; embora identifiquemos a presença da mãe em quase todos os romances, raramente elas são personagens principais; muito menos ainda observa-se a maternidade como temática central desses romances.

Preocupa-nos também a relativa escassez de teoria e crítica sobre essa temática e as complexas implicações dessa ausência, o que nos motivou a desenvolver o presente trabalho.

Algumas escritoras têm recuperado a temática da gestação, parto e maternação; lembramos aqui os romances *Herland* (Charlotte Perkins Gilman, 1915), *The Millstone* (Margaret Drabble, 1965), *Woman at the Edge of Time* (Marge Piercy, 1980), *The Handmaid's Tale* (Margaret Atwood, 1998), entre outros. Seleccionamos para análise no presente trabalho o

romance *The book of Mrs. Noah* (1987), de Michele Roberts, pois nele a escritora dá centralidade a essa temática de grande interesse pessoal e que ela repetidamente explora em sua obra, talvez consequência de traços de sua própria vida.

Em entrevista para a BBC ela confessa que se tornou estéril em função de problemas anteriores de controle de natalidade mas que via na criação literária uma força compensatória para sua incapacidade de gerar filhos: "mas claro que livros são como bebês".

A relação entre mulheres que Michèle Roberts desenvolve em seu trabalho está bem ligada à problemática do relacionamento entre mães e filhas; ela nos fala sobre isto:

Durante muito tempo tive um relacionamento bastante difícil com minha mãe. ... Depois consegui alcançar minha mãe novamente, e minha terra natal também. Esta busca por um paraíso perdido, por uma linguagem perdida [o francês], por uma mãe perdida, por um corpo maternal perdido, tem sido minha maior fonte de inspiração.

No seu romance *The Book of Mrs. Noah*, as fronteiras entre o real e o imaginário - como também as estruturas de tempo e espaço - estão propositalmente pouco nítidas; a personagem central acompanha o marido cientista em uma viagem à Veneza; entretanto, ela se imagina como a esposa de Noé e embarca em uma arca (que é também a biblioteca onde ela trabalha) para cuja viagem convida cinco Sibilas do mundo contemporâneo. Cada uma delas - identificadas não pelo nome cristão mas por aspectos bastante conhecidos da vida das mulheres - Desafiadora, Tagarela, Revisionista, Correta, Abandonada - narram suas histórias de vida como esposas/companheiras, mães e escritoras. Essas histórias ilustram diferentes formas de opressão sofrida pelas mulheres ao longo dos séculos, a partir do mito de Noé: a Desafiadora planeja abandonar sua família - marido e filhos - de forma a poder dedicar-se ao seu trabalho de escritora; a Revisionista, mãe divorciada e escritora frustrada, tenta administrar a relação com sua filha em

meio aos preconceitos de sua nova condição de lésbica; a Tagarela, mãe, nora e esposa dedicada, reflete no seu “santuário” (a cozinha) sobre sua intenção ainda não revelada de não ter mais filhos e sobre seu desejo frustrado de escrever, considerado pela família com condescendência apenas como um hobby. A Abandonada, solteira, solitária, busca refúgio na escrita; a Correta, sem filhos, produtora de *best-sellers* de baixa qualidade, dedica-se à sua 'linha de produção' com afincamento e determinação como estratégia compensadora para sua 'falta'.

Roberts reconfigura os fundamentos da cultura patriarcal em um mundo imaginário, onde as conhecidas estruturas binárias que organizam nossa percepção não podem instalar-se. Da mesma forma, a estrutura surpreendentemente fragmentada do romance é uma eficaz estratégia para a desconstrução das coerentes e reguladoras ideologias e práticas do mundo cristão. A escritora nos comenta a respeito de sua preocupação com a forma:

Como romancista, sou necessariamente obcecada pela questão da forma. Você tem que reinventar a forma do romance cada vez que você escreve uma nova obra, se você se propõe a escrever da maneira mais rica e completa que você consegue. Forma e conteúdo estão tão interligados que é difícil separá-los; forma é conteúdo, forma constrói conteúdo e é também construída por ele¹³.

A estrutura narrativa caleidoscópica e a linguagem polifônica do romance são alguns dos inúmeros elementos que merecem análise cuidadosa; entretanto, para os objetivos do presente trabalho, selecionamos a temática da maternidade - a qual no romance está intrinsecamente conectada à 'maternação' da linguagem e à criação literária.

Brincando com a tradição de Boccaccio e Chaucer e outros canônicos da literatura ocidental, a personagem central, uma bibliotecária/ARKivista, ARKiteta o plano de convidar as Sibilas a embarcar em sua Arca, "o espaço das recusadas, das recusadoras. Embarcação para as mulheres [female] que só se ajustam como monstros: as Górgonas, Basiliscas, Sereias, Hárpias,

¹³ Acervo sobre Michele Roberts disponível no site da "BBC World Service"

Fúrias, Viragos, Amazonas, Medusas, Esfinges" ¹⁴.

Objetivam fazer uma viagem de exploração, descoberta e reconstrução de suas histórias de vida.

Gaffer (aquele que comete gafes), O Criador, A Encarnação da Verdade", intromete-se no grupo das Sibilas e embarca nesta viagem pois está convencido da impossibilidade de "mulheres, muito menos *mães*"¹⁵ serem capazes de descobrir, muito menos criar, um novo mundo:

Eu tive que semear a semente. É o Homem (Male) que representa a humanidade, criatividade, busca espiritual afinal de contas. Como é que uma mulher conseguiria fazer isto? Como é que uma *mãe* poderia saber sobre o desenvolvimento humano? Qualquer tolo pode dar à luz. Escrever um livro [referindo-se à Bíblia, de sua autoria] é um *trabalho*. ... Mulheres escritoras, bem, elas são como úteros perfurados, não são, deixando escapar uma torrente esquisita de verbiagem tola, um esquisito e indisciplinado grito. Elas não *criam*. Elas apenas derramam coisas deste grande espaço vazio que elas têm dentro delas. Elas conseguem segurar bebês lá dentro, nunca livros. Apenas mulheres neuróticas frustradas escrevem, mulheres que não podem ter filhos, ou que se assustam com suas realizações normais da mulher.... Estou convencido que vocês só conseguirão escrever apropriadamente quando vocês se elevarem para além de seus corpos e esquecê-los, quando vocês atingirem uma altura a partir da qual vocês conseguem enxergar toda a humanidade e falar por ela, quando você se tornar, sim, andrógino. Assim como eu, ou, para colocar de forma clara, como você tornar-se *viril*. Claro que gosto de pensar que tenho um útero. Mas é *imaginário*. Um útero de verdade só atrapalharia.¹⁶

Conversando com *Gaffer*, as Sibilas resolvem contar histórias que ele omitiu em sua narrativa - *O Genesis*, caracterizado como seu "romance", seu *best seller*.

The book of Mrs. Noah é construído em intricada tecitura narrativa de apetite gargantuano, onde as diversas vozes dessas Sibilas articulam-se com vozes imaginárias de mulheres silenciadas a partir da palavra fundadora da Bíblia, produzindo um efeito que nos remete à imagem de uma

¹⁴ ROBERTS, Michèle. *The book of Mrs. Noah*. London: Methuen, 1987. p.19.

¹⁵ Id. *ibid.*, p.55.

¹⁶ Id. *ibid.*, p.56

arborescência pluridimensional. Entendi o romance como um projeto admiravelmente ousado de desenvolver uma metanarrativa que tenta anatomizar a aura sacralizadora da construção do conhecimento ocidental, através da revisão de histórias escritas pelo homem sobre ele mesmo e sobre nós que cobrem os séculos do calendário cristão. O romance convida a uma espécie de leitura "em camadas", como se lê um hipertexto: cada unidade de pensamento representa um nó potencializador de muitas questões, um cenário de complexas relações de linguagens.

Como já dito, destacamos neste trabalho aquelas que narram a experiência da maternidade, descrita de inúmeras formas nas histórias produzidas pelas Sibilas, experiência ansiada pela personagem principal e negada pelo marido ao longo da narrativa, como um dos seus elementos estruturadores. As histórias tratam de experiências de aborto, a problemática de filhos ilegítimos, a fisicalidade da gravidez e do parto, o assassinato de bebês pelas suas pobres e seduzidas mães e tantos outros elementos que a ideologia da maternidade ignora.

Ligada à temática da maternidade, um outro desses elementos medulares é a recorrente figura da *Mater Dolorosa* e seu *bambino*, imagem estruturadora das percepções do mundo cristão, que molda nossos processos de significação que dão sentido ao mundo - o que nos traz à mente o conceito de violência simbólica de Bordieu. Contrastando com a consagrada Litania à Virgem Maria, a personagem central constrói outro ARKItexto em honra à Grande Mãe, "arca da vida... caverna escura do Ser ... criadora de Deus"¹⁷, antes do início da viagem de autoconhecimento e transformação, ansiada por todas.

Em contraposição à tradicional imagem da Virgem, uma das histórias apresenta o submundo das crianças abandonadas, onde um jovem marginal - chamado Tartaruga - assume o papel de mãe de uma menina encontrada no lixo, com quem se reencontra posteriormente numa relação de prostituição, quando os papéis novamente se reverterem - *Tartaruga*=Mãe passa então a

¹⁷ Id. *ibid.*, p.43.

ser seduzido pela filha/prostituta.

Para ilustrar outros dos inúmeros jogos derrideanos da *différance* na construção de sentidos, a esposa de Noé (que não tem nome próprio no romance - é sempre descrita no seu papel relacional de esposa) narra suas experiências de maternidade de forma pouco idealizada, tão conhecida da realidade cotidiana das mães¹⁸; compara-se com a mãe terra em constante trabalho de parto e imagina-se também como criadora da palavra e geradora da vida, da qual desiste para tornar-se livre, "o elemento que falta ... aquele que perambula"¹⁹, uma das indecifráveis Esfinges que habitam o romance e o silêncio em nosso "capital cultural"

Ao final, Mrs Noah percebe que tudo não passou de uma alucinação de sua mente adormecida por uma frustrada tentativa de suicídio, o que fornece a ela elementos para a criação do romance - começo e fim então estão discursivamente amalgamados nesse novo universo discursivo das mulheres, construído na obra como um universo em constante expansão. Ao longo do romance, acompanhamos uma nova construção do sujeito feminino, sujeito se constrói processualmente na polifonia da linguagem e que nos faz lembrar o conceito bakhtiniano de heteroglossia. A estrutura narrativa, os conceitos, as palavras que o romance nos fornece abrem-se em muitas direções e com uma vertiginosa gama de questões que não nos levam jamais para um fechamento; ao contrário, obrigam-nos a constantes revisões e releituras, necessariamente dialogicizadas com o outro.

Como bem teorizam Bordieu, Foucault e Derrida, não há como estar fora da ideologia, pois é através dela que nos constituímos como sujeitos. Entretanto, longe de aceitar a impossibilidade lacaniana da constituição do sujeito mulher, Michèle Roberts faz uma espécie de *jouissance* nesta obra admirável, onde ela utiliza a palavra já consolidada para a construção de

¹⁸ Id. *ibid.*, p. 74.

¹⁹ Id. *ibid.*, p. 89.

um novo simbólico, um novo capital cultural que busca exercer uma força subliminar sobre os poderes disciplinares de que fala Foucault.

A partir das entranhas da arca, que a multivocalidade do romance apresenta também como o corpo da mãe, como a casa de uma nova linguagem, até mesmo o *Gaffer* decide reinventar uma versão "não autorizada" do seu "romance"; nesta nova versão ele reconhece que "No princípio, era a Mãe. Onipotente."²⁰

OBS.: as citações no presente trabalho foram traduzidas por mim

²⁰ ROBERTS, Michèle. *The book of Mrs. Noah*. London: Methuen, 1987. p.239.